

**ANALISAR AS RELAÇÕES ENTRE ÉTICA DA ALTERIDADE DE LEVINAS E DA
VIDA LÍQUIDA DE BAUMAN**

**ANALYZE THE RELATIONSHIPS BETWEEN LEVINAS' ETHICS OF OTHERNESS
AND BAUMAN'S LIQUID LIFE**

Gustavo Henrique de Freitas Queiroz Morcatti¹

Dr^aThaíse Valentim Madeira²

RESUMO: Este artigo examina a relação entre a Ética da Alteridade de Emmanuel Lévinas e a Vida Líquida de Zygmunt Bauman. O artigo trata sobre a sociedade pós-moderna, caracterizada por relações pessoais frágeis e instáveis. Inicia-se trazendo Lévinas e sua abordagem sobre ética, enfatizando a importância do outro como responsabilidade, que ele chama de ética da Alteridade. Este conceito será abordado paralelamente com o conceito de sociedade líquida de Bauman, caracterizada por relacionamentos voláteis e falta de compromisso. Explora-se, assim, as semelhanças e diferenças entre as ideias dos dois filósofos e como elas se complementam, criando uma consciência crítica sobre os momentos atuais vividos pela sociedade moderno-contemporânea. O artigo enfatiza a importância de reconhecer a alteridade do Outro e de cultivar um senso de humanidade e compaixão, para construir relacionamentos mais fortes, duradouros e com sentimentos legítimos de bondade.

Palavras-chave: Ética; Alteridade; Liquidez; Sociedade.

ABSTRACT: This article examines the relationship between Emmanuel Lévinas' Ethics of Otherness and Zygmunt Bauman's Liquid Life. The article deals with postmodern society, characterized by fragile and unstable personal relationships. It begins by bringing Lévinas and his approach to ethics, emphasizing the importance of the other as a responsibility, which he calls the ethics of Otherness. This concept will be approached in parallel with Bauman's concept of liquid society, characterized by volatile relationships and lack of commitment. This explores the similarities and differences between the ideas of the two philosophers and how they complement each other, creating a critical awareness of the current moments experienced by modern-contemporary society. The article emphasizes the importance of recognizing the otherness of the Other and cultivating a sense of humanity and compassion, to build stronger, longer-lasting relationships with legitimate feelings of kindness.

Keywords: Ethics; Otherness; Liquidity; Society.

1. INTRODUÇÃO

O homem é conceituado por Paulo Freire como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber (Freire,

¹Cento Universitário Salesiano - UNISALES, Vitória/ES, Brasil.

²Cento Universitário Salesiano - UNISALES, Vitória/ES, Brasil.

1983b, p. 47) e por isso ele passa por um processo de transformação na busca de novas e melhores formas de vida.

O *homo sapiens* é gerador de revoluções na busca de suas realizações profundas, em busca de sua felicidade. Se na época do iluminismo, a “idade das luzes”, se faz pertinente refletir como se deu a mudança de pensamento, onde o eterno passou a não fazer mais parte da centralização do pensamento do homem, mas sim o próprio homem, o que chamamos de “Antropocentrismo”, o homem no centro do conhecimento (sentido histórico), ou seja, as relações entre o homem e o eterno foram prejudicadas, mas, ainda assim, no desejo de obter o eterno e a eternidade.

Da mesma forma, a relação com um outro ser pensante também mudou. Com a luz do iluminismo racional, o ser humano despendeu de tradições, de hábitos religiosos, e se pôs ao raciocínio crítico inclusive da própria cultura.

A sociedade pós-moderna é caracterizada por relações pessoais frágeis e instáveis, aquilo que um dia era mais sólido, na modernidade ela se torna volúvel, se torna comprável, relações cíclicas com fim curto.

Neste cenário, vemos Emmanuel Lévinas que, sofrendo as atrocidades da primeira guerra mundial, observou a necessidade de ir até o outro, não como uma forma oportunista ou concupiscente, mas com a simples bondade, com o desejo de experimentar o eterno, encontra-se no vestígio do eterno, o que ele irá chamar de Deus.

Partindo do volúvel, o líquido, o que se tornou as relações pessoais e interpessoais na sociedade pós-moderna, depara-se Zygmunt Bauman, que caracteriza o fenômeno pós Segunda Guerra mundial, como o fenômeno da liquidez, ou seja, próprio da “sociedade líquida”. Para Bauman, a sociedade líquida é um fenômeno de relações voláteis. As relações entre seres humanos não são construídas em relações sólidas na justificativa da intensidade das relações. Não se busca a construção de laços duradouros de vida.

Essa pesquisa vem guiada na pergunta: quais as relações entre a Ética da Alteridade de Lévinas e da Vida Líquida de Bauman? Para refletir sobre essa questão norteadora, se realizou uma pesquisa bibliográfica tomando como base obras dos dois autores.

O objetivo deste estudo não é apenas contrapor o pensamento dos dois autores, mas, para além disso, encontrar os pontos de semelhança e complementaridade entre suas ideias, (norteador) para uma reflexão significativa e atual.

O estudo será iniciado através do levantamento de alguns aspectos da biografia de Emanuel Lévinas, sendo ele o autor da obra “Totalidade e Infinito” caracterizando a importância do outro em sua ética da alteridade e apresentando suas características.

Em um segundo momento, dessa pesquisa, será abordado a teoria da “sociedade líquida”, de Zygmunt Bauman, para caracterizar uma sociedade oriunda após a Segunda Guerra Mundial, essa análise terá como base a obra “Vida Líquida” deste autor. E a finalização deste estudo será dedicado a relacionar a Ética da Alteridade e o fenômeno da liquidez. Apontando igualdades e diferenças entre as filosofias de Lévinas e Zygmunt Bauman pontuando uma reflexão social pertinente sobre as filosofias.

2. LÉVINAS E A ÉTICA DA ALTERIDADE

Emmanuel Lévinas, um filósofo francês de religião judaica que viveu de 1906 a 1995, é conhecido por sua abordagem única da ética, que enfatiza a importância do Outro, ou o rosto da outra pessoa, como fundamento da responsabilidade ética. Esses pensamentos são respostas da sua vivência cujo entorno estava predominantemente experimentando o totalitarismo do século XX.

Lévinas pensou numa moral e numa ética para os tempos do século XX, mas se considerar que esta poderia abranger coerentemente os tempos contemporâneos, partindo do questionamento do ideal sobre totalidade e o sentido do ser a partir dos gregos até Hegel e Heidegger.

Em sua obra ele afirma “A verdadeira vida está ausente” (Lévinas, 2000, p. 21). Com esse pensamento, Lévinas visa elaborar uma ética de abertura em relação ao outro, e é por meio do método fenomenológico que ele vai tratar a alteridade como um horizonte.

Influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, ele desenvolveu uma abordagem crítica e original que se afasta da fenomenologia tradicional, ou seja, o estudo do fenômeno.

Lévinas utiliza o método fenomenológico para descrever a experiência da alteridade radical, em outras palavras, a experiência da presença do Outro que transcende a compreensão.

No entanto, ele critica a fenomenologia tradicional, por sua ênfase na consciência como um sujeito que apreende o mundo como um objeto. Em Lévinas, a relação ética com o Outro não pode ser compreendida como uma relação entre sujeito e objeto, mas como uma relação entre sujeito e sujeito.

Sobre o que se baseia a relação entre a ideia de totalidade e a ideia infinito, “Para pensar o infinito, o transcendente, o estrangeiro, não é pensar um objeto. Mas pensar o que não tem os traços do objeto é na realidade fazer mais ou melhor que pensar” (Lévinas, 2000, p. 36).

Assim, Lévinas utiliza o método fenomenológico, exigindo uma resposta ética baseada na responsabilidade e no respeito pela singularidade e diferença do Outro.

O infinito vai caracterizar a alteridade - alteridade, que vem do latim, tem como origem a palavra *alteritas*. O radical *alter* significa “outro”, enquanto *itas* remete a “ser”, ou seja, em sua raiz, alteridade significa “ser o outro”, conforme o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007) – o termo significa: “Ser outro, pôr-se ou constituir-se como o outro) o outro, enquanto que ela não pode ser objeto da redução do idêntico, do eu. A totalidade implica um Pensamento globalizante que sempre acaba por reabsorver a alteridade em uma identidade, mas concretamente a experiência no infinito vai se dar com a relação com o outro, o “Face a Face”.

O Infinito é designado por Lévinas como “Deus”, Deus no sentido judaico, um deus que criou o mundo e se afasta dele e, portanto, é um Deus inalcançável. A partir de Lévinas, podemos nos perguntar: Nós temos acesso a Deus? Nós temos acesso ao infinito? De acordo com o autor, não! Nós temos acesso apenas ao “vestígio no

infinito” que é por meio do outro. Então, o outro é o “vestígio do infinito”, vestígio de Deus.

[...] uma relação de finito e infinito não consiste, para o finito, em diluir no que lhe faz frente, mas em permanecer no seu ser próprio, em ater-se a ele, em atuar cá em baixo. A felicidade austera da bondade inverteria o seu sentido e perverter-se-ia, se nos confundisse com Deus (Lévinas, 2000, p. 288).

Lévinas nesse trecho fala sobre a relação entre o finito e o infinito, e argumenta que a relação não consiste em diluir o finito no infinito, mas em permanecer no seu próprio ser. Lévinas enfatiza que a felicidade austera da retenção não deve ser confundida com a identificação com Deus. Em vez disso, deve ser vista como uma forma de permanecer no seu próprio, atuar no mundo concreto. A espera, portanto, não é uma forma de diluir o finito no infinito, mas de afirmar a singularidade e a diferença do ser finito.

O infinito pode ser encontrado no finito através do desejo. “O infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela ideia de Infinito, produz-se como Desejo”. (Lévinas, 2000, p. 37 nota 39). O desejo em Lévinas é visto como uma força que pode levar à transcendência e à abertura para o Outro, mas que deve ser acompanhada pela responsabilidade ética e pelo respeito pela alteridade radical do Outro. “Não é Desejo que a posse do Desejável apazigua, mas como o Desejo do Infinito que o desejável suscita, em vez de satisfazer. Desejo perfeitamente desinteressado – bondade” (Lévinas, 2000, p. 37). O desejo não deve ser visto como uma forma de satisfação egoísta, mas como uma forma de abertura para a transcendência e para a responsabilidade ética. Sobre a produção do desejo, Lévinas diz:

[...] é preciso indicar desde já os termos que exprimirão a desformalização ou a concretização desta noção, totalmente vazia na aparência, que é a ideia de infinito. O infinito no seu finito, o mais no menos que se realiza pela ideia do Infinito, produzem-se como desejo (Lévinas, 2000, p. 37).

Portanto, a ética de Lévinas bem compreendida não é mais a busca desse conhecimento total, mas de uma alteridade infinita. A ética segundo ele é a vida real, o desejo do infinito é uma experiência sem retorno possível ao outro, do familiar ao estranho, porque o absolutamente outro é “outrem”:

O rosto do outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a ideia a medida e à minha medida da sua ideia adequada. Não se manifesta por qualidades, mas exprime-se. O rosto, contra a ontologia contemporânea, traz uma noção de verdade que não é o desvendar de um Neutro impessoal, mas uma expressão (Lévinas, 2000, p. 38).

O “outrem” não é, portanto, a negação de mim mesmo, o que implicaria ainda numa relação de identidade, mas ele é positivamente absolutamente outro, depois na obra ele vai falar o seguinte: A Ética do rosto é o “outrem”, o “outrem” revela o sentido da ética como relação “não-alérgica” do eu com o outro, ou seja com o idêntico (Lévinas, 2000).

Para Lévinas, a relação ética com o Outro é caracterizada por uma alteridade, que resiste a qualquer tentativa de reduzi-la a um conceito ou a uma categoria. O Outro não é um objeto de conhecimento ou um meio para um fim, mas um sujeito com uma identidade única e irreduzível que exige respeito e responsabilidade.

Para Lévinas, a alteridade é a primeira dimensão do sujeito e a ética é muito mais do que um código moral ou princípios formais de ação, é a responsabilidade ética que temos com o Outro.

A forma de ver o mundo a partir de si mesmo, negando a alteridade do outro, é chamada por Lévinas de pensamento totalizante ou totalidade.

Nesse sentido, a “totalidade do infinito” é um desafio ao sujeito ético para reconhecer os limites do seu próprio “eu” e poder e para se abrir à alteridade radical do Outro. É um apelo a abraçar a vulnerabilidade e a fragilidade da existência humana e a cultivar um sentido de humildade e compaixão, a face ao Outro. Dessa forma, afirma Marcio Luís Costa:

É a sensibilidade de um-para-o-outro, que permite a um receber o outro. Um ser humano sensível e singularizado que recebe sensivelmente o outro, como comida saborosa que alimenta, como roupa que cobre e agasalha, como a água que mata a sede, como teto que cobre, etc. Um ser humano sensível e singularizado que recebe sensivelmente o outro ser humano como uma Alteridade que lhe está concernida quando este lhe aparece com fome, frio, sede, enfermo, sofredor, pobre, indigente, etc. (Costa, 1998, p. 167).

2.1 ZYGMUNT BAUMAN BIOGRAFIA E A SOCIEDADE LÍQUIDA.

Zygmunt Bauman (1925-2017) nasceu em Poznań, na Polônia, e ao longo de sua vida experimentou uma série de eventos históricos marcantes, incluindo a Segunda Guerra Mundial e o regime comunista na Polônia. Suas experiências pessoais e seu conhecimento profundo de história e sociologia contribuíram para suas análises críticas sobre a modernidade.

Ele é amplamente reconhecido por desenvolver o conceito de "sociedade líquida", que descreve a natureza fluida, instável e efêmera das relações sociais e das estruturas na sociedade moderna.

A sociedade líquida de Zygmunt Bauman é caracterizada pela fluidez e instabilidade, onde as relações sociais são voláteis e as identidades individuais são fragmentadas. Nesse contexto, podemos analisar as relações e contradições entre a liquidez e o eterno, o que ele vai tratar de sólidos:

[...] é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa (Bauman, 2000, p.07).

Bauman argumenta que a sociedade líquida é marcada pela busca do prazer imediato e do consumo, levando a uma cultura de descartabilidade e falta de compromisso duradouro. Nessa perspectiva, a liquidez está relacionada à transitoriedade, à efemeridade e à falta de solidez nas relações humanas. Para o autor a liquidez está ou se apresenta na visão do homem nas relações.

Essa contínua e irreversível mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sob pressão deformante constitui o fluxo,

propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar à sua forma original (Bauman, 2000, p.07).

Por outro lado, o eterno (sólido) é associado à permanência, à estabilidade e à continuidade. Na sociedade líquida, o eterno pode ser interpretado como algo que está fora do alcance, devido à natureza volátil e em constante mudança das relações sociais. “Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, na história da modernidade” (2009, p.106). As pessoas buscam a segurança e a estabilidade, mas são confrontadas com a precariedade e a incerteza.

Essa contradição entre liquidez e eterno cria um tensionamento na sociedade líquida. As pessoas desejam encontrar algo duradouro e significativo, mas as estruturas sociais e as condições econômicas incentivam a busca por experiências rápidas e superficiais.

A fluidez das relações e a falta de compromisso dificultam a construção de relações duradouras e significativas. Segundo Bauman “a sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação. [...] O que começa como necessidade deve terminar como compulsão ou vício”. (2009, p.106)

As condições necessárias para garantir a sobrevivência humana (ou, ao menos, para aumentar suas probabilidades) deixou de ser divisível e 'localizável'. O sofrimento e os problemas de nossos dias têm, em todas as suas múltiplas formas e verdades, raízes planetárias que precisam de soluções planetárias (Bauman, 2000, p.10).

Em suma, na sociedade líquida de Bauman, a liquidez e o eterno representam duas forças em conflito. Enquanto as pessoas anseiam por estabilidade e permanência, elas são confrontadas com a volatilidade e a falta de solidez nas relações sociais. Essa contradição cria um desafio para a construção de relações significativas e duradouras.

2.2 BAUMAN E A VIDA LIQUIDA

A vida líquida representa uma forma de vida levada na sociedade líquido-moderna em que as situações mudam tão rapidamente que em seu curso não mantêm sua forma por muito tempo. Trata-se de uma vida de ligações frouxas e compromissos revogáveis, vivida por indivíduos que se consideram em casa em muitos lugares, mas em nenhum deles em particular.

Bauman argumenta que a busca pelo prazer imediato e a ênfase na satisfação pessoal muitas vezes levam a relações efêmeras, já que as pessoas tendem a se afastar quando a satisfação diminui. O autor discute o medo do compromisso nas relações modernas.

Devido à incerteza e a instabilidade da sociedade líquida, as pessoas podem hesitar em fazer compromissos profundos, optando por manter suas opções em aberto. Embora a tecnologia tenha facilitado a conexão global, muitas vezes essas conexões carecem da profundidade das interações face a face.

Uma ideia paradoxal explorada por Bauman é como a conectividade digital muitas vezes leva à solidão. A natureza superficial das interações online pode deixar as pessoas sentindo-se isoladas e desconectadas. “Quando a individualidade é um ‘imperativo universal’ e a condição de todos, o único ato que o faria diferente e, portanto, genuinamente individual seria tentar – de modo desconcertante e surpreendente – não ser um indivíduo” (Bauman, 2000, p. 26).

Além das análises das relações interpessoais, Bauman discute os desafios éticos e políticos da sociedade líquida. Ele explora como a ausência de estruturas duradouras pode impactar questões como responsabilidade social e participação política.

O lixo é o principal e comprovadamente o mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo. [...] Isso faz da remoção do lixo um dos dois principais desafios que a vida líquida precisa enfrentar e resolver. O outro é a ameaça de ser jogado no lixo. [...] A vida talvez seja sempre um ‘viver-para-a-morte’, mas, para os que vivem na líquida sociedade moderna, a perspectiva de ‘viver-para-depósito-de-lixo’ pode ser a preocupação mais imediata e consumidora de energia e trabalho (Bauman, 2000, p. 17-18).

Para a sobrevivência no mundo moderno-líquido, e assim criar relações duradouras de fato, sólidas, e que durem pela vida, seja profissional, seja em outras dimensões humanas, será preciso construir novos cominhos. Por isso, uma pergunta fundamental, e que surge para fomentar esse fato: Como não ser embalado no rodízio sentimental de individualidade e assim criar um sentido de pertença e responsabilidade pelo outro, e ao mesmo tempo valorizar a experiência humana permitindo-se evoluir, sem fazer parte de uma ação de descarte a cada necessidade colocada pela sociedade?

Segundo Adorno, citado por Bauman:

[...] pessoas fracas e amedrontadas sentem-se fortes quando correm de mãos dadas. Censurado e diariamente frustrado, o indivíduo encontrará abrigo no narcisismo individual no ‘narcisismo coletivo’, e assim achando um remédio para suas feridas (Adorno *apud* Bauman, 2000, p.175).

Essa constatação sombria de Adorno é visível e real, tendo como base o cotidiano. No entanto, ainda é mais reconfortante refletir sobre a constatação de Bauman ao final de Vida Líquida: “Tão inevitavelmente quanto o encontro do oxigênio com o hidrogênio produz água, a esperança é concebida sempre que a imaginação se encontra com o senso moral” (Bauman, 2000, p. 194). Mas, a procura viciosa construída através dos desejos, e um desejo latente da procura de algo eterno, gera a liquidez que define a modernidade líquida, que é muito contemporânea, o que suprime nossas esperanças e nos encoraja a vivermos uma vida de descartes.

Repensar a ótica da ética no contexto contemporâneo é mais que urgente e necessário. O problema caminha num processo crítico sem precedente e provém de uma mesma origem: tecnicismo a serviço de propósitos alheios aos aspectos centrais da existência, no caso a existência humana.

Podemos dizer que a Ética da Alteridade de Lévinas e Modernidade Líquida de Bauman se completam e se qualificam, pois ambas desafiam a visão antropocêntrica de mundo e enfatizam a importância de reconhecer a alteridade.

Portanto, os dois caminhos filosóficos levam a consciência de uma mudança. Mudança essa significativa para os relacionamentos. Olhar o outro com o olhar de eternidade, significa acolher o outro com suas várias faces, sabendo que o “eu” também possui várias faces, agradáveis ou não. Leonardo Boff, em sua obra “Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos” contribui sensivelmente para os caminhos filosóficos citados quando defende o seguinte sobre a estruturação humana:

[...] a vida humana tem sua centralidade no ser sensível, pois: “as estruturas axiais da existência circulam em torno da efetividade, do cuidado, do eros, da paixão, da compaixão, do desejo, da ternura, da simpatia e do amor. [...] É uma ‘qualidade existencial’, um modo de ser essencial, a estruturação ôntica do ser humano (Boff, 2003, p. 80-81).

Acrescenta Pedro Manuel do Santos Alves: A alteridade, como observa, é “um conceito relacional. Ela não é um predicado real, como se diz na tradição, isto é, uma determinação positiva de algo tomado em si mesmo ou na sua formalidade” (Alves, 2006, p. 146-147).

Assim, o comentador destaca que para Lévinas a alteridade pressupõe “uma instância sem proporção e sem comensurabilidade com o ser. Ela está pra lá do imperialismo ontológico” (Alves, 2006, p. 146-147). A atitude de alteridade é um caminho que se faz urgente na sociedade contemporânea, em que os poderes desumanos e totalitários produzem exclusões diárias com a extrema eficácia que o caracteriza e se omite a responsabilidade pela preservação da vida do seu nascer ao seu declinar natural.

A proposta de Bauman se próxima ao ideal ético de Lévinas, com uma ética adequada à pós-modernidade, implica a responsabilidade preexistente à avaliação racional do agir ético. É a alteridade a orientação ética social que preserva a liberdade e resguarda politicamente a humanidade de ameaças totalitárias dos nossos tempos. A partir da corresponsabilização com o outro, eu encontro uma luz que me humaniza.

3 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica, a qual foi usada neste trabalho, consiste em buscar e analisar informações em fontes bibliográficas relevantes e confiáveis, de forma crítica e analítica.

Essa pesquisa bibliográfica trouxe como autores principais Emmanuel Lévinas, autor da “Ética da Alteridade”, que está relacionada a conceitos como empatia, compaixão, solidariedade e justiça social. E Zygmunt Bauman, autor do conceito de “modernidade líquida”, uma das ideias mais vistas na contemporaneidade.

Ainda que os dois autores tenham vivido em épocas distintas - Lévinas sofreu com a Primeira Guerra Mundial e Bauman com a Segunda Guerra Mundial - ambos apresentam o “Outro” como questão e por isso, mesmo com distinção, eles se abastecem e constroem uma grande reflexão social, o que possibilitou esta escolha e este estudo.

A análise das duas obras foi feita a partir da relação que se estabelece entre os autores, resguardadas o contexto de vida e obra de cada um. É possível verificar que em alguns momentos as ideias dos dois autores se assemelham, em outros

momentos se complementam e em outros se contrapõem. Para apresentar esta análise, elaboramos o quadro a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste quadro comparativo destaca-se as principais contribuições e abordagens de Zygmunt Bauman e Emmanuel Lévinas em relação à construção de uma ética de responsabilização do Outro. É importante ressaltar que ambos os filósofos têm perspectivas distintas, mas as vezes complementares, sobre a importância da responsabilidade ética e do cuidado com o próximo.

Quadro 01 – Perspectivas de Lévinas e Bauman

Categoria	Emmanuel Lévinas	Zygmunt Bauman	Relação entre os autores
Origem do pensamento	O autor se concentra mais na filosofia da existência e na relação com o outro	O autor aborda principalmente questões sociais e políticas, como a globalização, a pós-modernidade e a sociedade de consumo	Criticam a concepção de liberdade ilimitada, defendendo a importância de reconhecer os limites e as interdependências entre os seres humanos e a natureza.
Conceito de Ética	O autor destaca a importância da alteridade e da responsabilidade em relação ao rosto do outro. A ética deve ser o ponto de partida para a nossa compreensão do mundo e do nosso lugar nele.	O autor descreve a ética do seu tempo como um projeto não universalizável na moral, representando os esforços da era moderna para antecipar e prescrever a ocorrência de certos fenômenos e reduzir ou eliminar hipóteses de comportamentos vistos como indesejáveis ou prejudiciais.	Ambos os filósofos abordam a crise da modernidade e a necessidade de um novo quadro ético para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo
Ética na Modernidade	Lévinas propõe uma ética baseada na relação com o outro, que é absolutamente outro.	Bauman critica a ideia de uma ética baseada em princípios universais e argumenta que a ética deve ser situacional e contextual	Ambos os filósofos propõem uma ética baseada na relação com o outro, em oposição ao "Eu idealista" da modernidade.
Crise da modernidade	Lévinas vê a crise da modernidade como uma crise de sentido, causada pela falta de univocidade na linguagem e nas atividades cotidianas	Bauman argumenta que a modernidade é caracterizada pela atualidade, pela falta de estruturas sólidas e pela busca incessante por prazer e satisfação imediata	Ambos criticam as tendências individualistas da sociedade moderna e enfatizam a importância do Outro nas considerações éticas.

Fonte: Elaboração própria.

Para compreendermos melhor o quadro comparativo, precisamos compreender, que para Lévinas, a alteridade é a produção de um sujeito ético responsável pelo Outro. Ele vê a alteridade como a expressão da diferença, onde o Outro não se reduz ao mesmo e não é a identidade ou limite do eu, o infinito.

O conceito de “Rosto” é central para a compreensão de alteridade de Lévinas, representando a presença do Outro de uma forma que exige uma resposta de si mesmo.

Bauman, influenciado por Lévinas, também enfatiza a importância da alteridade em sua proposta ética para a sociedade contemporânea. Ele critica a universalização das normas de conduta e as dificuldades de relacionamento no mundo moderno.

Bauman argumenta que o contexto contemporâneo exige uma nova forma de lidar com as questões relacionais, abrindo possibilidades de resgate da alteridade das relações por meio das emoções e dos afetos.

Enquanto a “Ética da Alteridade” nos desafia a superar o egocentrismo e a buscar uma compreensão mais profunda das necessidades e perspectivas do outro, a fim de agir de forma ética e responsável na "sociedade moderna líquida", as estruturas e instituições tradicionais que proporcionavam estabilidade e segurança tornaram-se fluidas e incertas. Esta fluidez leva a um sentimento de individualização, fragmentação e perda de laços sociais.

A relação entre Lévinas e Bauman, envolvendo tanto pontos a serem relacionados sobre suas respectivas filosofias, demanda um grande caminho a ser trilhado. Ambos os pensadores se preocupam em criar uma nova ética conscientizando a responsabilidade pelo outro e pelo ambiente em que vive.

Para Lévinas, o Outro é fundamental para a compreensão da subjetividade e da ética, enquanto Bauman faz a observância da responsabilidade individual em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado.

Por outro lado, há também diferenças entre as filosofias de Bauman e Lévinas. Enquanto Lévinas dá importância maior para a alteridade, e da transcendência (o infinito) do outro, Bauman se concentra na fluidez e na instabilidade das relações humanas em um mundo líquido-moderno.

Além disso, enquanto Lévinas pontua sobre a tradição e religião (no caso dele o Deus judaico) na ética, Bauman é mais cético em relação a essas instituições e enfatiza a importância da reflexão crítica e da responsabilidade individual independente das raízes da religião.

Assim, a relação entre Bauman e Lévinas é complexa e multifacetada, envolvendo tanto pontos de proximidades e de diferenças em suas respectivas filosofias, mas que podem construir um novo caminho para a sociedade na contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É legítimo que as propostas e a execução da ética de Zygmunt Bauman e Emmanuel Lévinas são idealistas e até mesmo utópicas. Mas, a crise da humanidade só nos leva à assunção (uma força que me eleva) pessoal e coletiva de responsabilidades.

E, o diálogo e a consciência de si como existência, é a única alternativa de desconstrução e superação do medo de colapso da vivência do contemporâneo, de descobrir no Outro desconhecido, nossa humanidade comum.

Afinal, nem Bauman e nem Lévinas se esqueceram que viveram também como refugiados de suas histórias e estrangeiros das guerras, e por isso também trouxeram uma verdadeira atenção à manifestação de um fenômeno do descuidado com o outro, em uma sociedade carente de valores coletivos, de um olhar a face a face, que se comporta de maneira discriminatória e desumana, negando a vida do outro e gerando muitas consequências existenciais e sociais.

No cenário internacional vemos a primeira grande guerra mundial (1914-1918), o imperialismo, a política de alianças, a corrida armamentista, o revanchismo francês e o nacionalismo exacerbado. Passando-se alguns anos no mesmo século, a segunda grande guerra mundial (1939-1945) causa direta do expansionismo da Alemanha nazista ao longo da década de 1930.

Avançamos anos mais tarde, hoje na contemporaneidade acompanhamos conflitos na Ucrânia e Rússia em 2022, impulsionados por minorias étnicas, políticas e territoriais, com a Rússia buscando uma maior influência sobre a Ucrânia. De forma correlata, o conflito entre israelenses e palestinos na Faixa de Gaza em 2023 está profundamente enraizado em disputas territoriais e questões históricas. Ambos os conflitos apresentam sinais visíveis de desprezo à existência humana.

O sentido do sentimento de humanidade do homem está em sua competência de viver com o outro em suas adversidades, reconhecendo a importância do contato e do saber relacional para a preservação da vida em toda a sua complexidade. O ser sensível do homem também precisa ser tocado, permitindo preservar a vida com toda a sua complexidade.

Esse sentimento de humanidade é o que de fato nos torna capazes de nos relacionarmos uns com os outros, de nos importarmos com o bem-estar dos outros e de agirmos de maneira solidária diante das adversidades.

A capacidade de empatia e compaixão é fundamental para o desenvolvimento de um sentimento de humanidade do cuidado com o outro e da responsabilidade com a vida do seu nascer ao declinar natural

Ao propor essa relação entre éticas, Lévinas e Bauman, e apresentando traços semelhantes, criamos e alimentamos uma sociedade carente de sentimentos de humanidade e de “coisas eternas”, ou seja, experiências que sejam duradouras. Esperamos, também, que esta pesquisa possa contribuir para investigações futuras sobre as obras desses dois autores, tão importantes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, P. M. S. Lévinas crítico de Husserl e de Sartre: sobre a teoria da intersubjetividade e da alteridade. *In*: BECKERT, C. (Org.). **Lévinas entre nós**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

COSTA, Márcio Luís. **Lévinas uma introdução**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, P. SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. São Paulo: UFMG, 2010.

GOMES, Rebeca e FREIRE, José Célio. O amor e as suas relações com a alteridade, o desejo e a criação. **Estud. pesquis. psicol.** [online]. 2016, vol.16, n.spe, pp. 1271-1287. ISSN 1808-4281.

IDAL DE SOUZA, J. F.; HORBATIUK DUTRA, T. A. Alteridade e ecocidadania: uma ética a partir do limite na interface entre Bauman e Lévinas. **Cadernos de Direito**, v. 11, n. 20, p. 7–21, jul. 2011.

LEITE, Giseli. A derradeira lição de Zygmunt Bauman. **Jornal Jurid**, 2017. Disponível em:< <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/a-derradeira-licao-de-zygmunt-bauman>>. Acesso em: 23, de outubro de 2023

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.